



A CULTURA DA VIOLÊNCIA NA VIDA E OBRA DO PINTOR ALMEIDA JR

THE CULTURE OF VIOLENCE IN THE LIFE AND WORK OF PAINTER ALMEIDA JR

Fernanda da Silva Borges*

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO

fsilvaborges@hotmail.com

Quando pensamos a relação entre a obra de arte e a vida do autor, corremos o risco de cair nas armadilhas do automatismo e, portanto, determinar a produção artística através apenas do percurso biográfico. Porém, o olhar adotado por esta obra vai em sentido distinto, buscando entender as interrelações entre produção, recepção, condições culturais e biografia.

O livro *A cultura da violência entre traços e tramas: a vida e obra do pintor Almeida Jr*, publicado em 2022, pela Editora Verona, em formato digital, é resultado da dissertação de mestrado da Anna Paula Teixeira Daher, desenvolvida sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Heloisa Selma Fernandes Capel e defendida em 2017 no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Formada em Direito e História, a autora estabelece uma visão interdisciplinar ao reconstruir os traços e as tramas entre presente e passado na vida e obra do pintor José Ferraz de Almeida Jr. (1850-1899).

A partir das circunstâncias narradas no processo crime que apurou a morte de Almeida Jr., Anna Paula analisa como os indícios de violência na trajetória do pintor se associam ao cotidiano de violências no interior do Brasil oitocentista.

* Pós-doutorado em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Goiás. Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Professora efetiva na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

Nesse sentido, considerando a relevância artística de Almeida Jr. para a arte brasileira e meu apreço particular pela obra do pintor e pelo Direito, a leitura deste livro me proporcionou uma rica experiência de aprendizagem, com reflexões e percepções até então desconhecidas.

A obra está dividida em 3 capítulos e conta com um Prefácio convidativo da Dr.^a Heloisa Capel, deixando os leitores interessados no conteúdo e desdobramentos da pesquisa empreendida pela autora. Com efeito, encontramos um texto fluido e instigante que nos prende do início ao fim da leitura.

Logo na Introdução, Anna Paula nos conta como as reuniões do GEHIM/UFG (Grupo de Estudos de História e Imagem) propiciaram seu (re)encontro com Almeida Jr, pois foi com o Grupo que ela pode aprofundar as leituras e discussões sobre a obra do referido pintor. A autora destaca, ainda, a importância das premissas levantadas pelo historiador Jorge Coli no artigo Almeida Junior: a violência e o caipira (2005), bem como do catálogo da exposição Almeida Junior Revisitado (2000), para a compreensão entre o visível e o invisível nos diversos quadros que retratam elementos pictóricos e gestuais marcados pela violência. “E isso é importante porque é preciso entender que o caipira é parte de um mundo, e o que o cerca o constrói e o explica, molda o seu comportamento.” (DAHER, p.19)

Com o auxílio de vários pesquisadores e biógrafos do artista, a autora realiza uma interlocução consistente entre culturalismo jurídico, cultura da violência e estudos da linguagem, na inter-relação entre a vida e a obra de Almeida Jr, mostrando como as circunstâncias trágicas de sua morte possibilitaram releituras e (re)interpretações contemporâneas de seu universo pictórico.

Destaca-se, ainda, a escolha de brocardos jurídicos (também chamados de axiomas ou máximas jurídicas), como epígrafes para marcar a abertura de cada capítulo. Ao fazer uso desses intertextos, a autora reforça o caráter solene e rebuscado da retórica jurídica, explicitando algumas características do campo do Direito.

O primeiro capítulo, *O que não está nos autos não está no mundo*¹, apresenta os principais aspectos do culturalismo jurídico de Miguel Reale e do processo-crime que apurou a morte de Almeida Jr. Considerando o texto jurídico uma prática social discursiva, Anna Paula traz à tona as transformações da legislação da época e as principais características da retórica e da argumentação jurídica. Nesta parte, o leitor consegue

¹ No original em latim: *Quod non est in actis non est in mundo* – Do Direito Romano, este é um brocardo conhecido no universo jurídico, e traduz o axioma se não está nos autos não é verdade, ou seja, o juiz está vinculado às provas juntadas aos autos.

adentrar um pouco mais no universo sociocultural em que o pintor vivia. A partir das contribuições teóricas de Fairclough, Anna propõe uma análise crítica do discurso jurídico.

Analisar esses discursos de forma crítica é buscar abordar não só o processo de sua construção, inserido em um determinado momento histórico, mas também identificar as influências sociais, políticas, ideológicas, culturais nesse processo e as suas consequências – não só para os diretamente envolvidos na decisão (uma vez que tratamos, aqui, de discursos jurídicos), mas para a sociedade em geral, para as práticas sociais e relações culturais indicadas pelas escolhas linguísticas do texto. (DAHER, p.41)

Temos, assim, uma dimensão interdisciplinar das práticas discursivas e sociais que envolvem um processo-crime no Brasil do século XIX. Na época do delito, apesar dos chamados crimes passionais terem ampla divulgação na imprensa, a autora destaca que as circunstâncias da morte do pintor não foram especificadas ou explicitadas de forma clara pelas notícias jornalísticas.

No segundo capítulo, *Faça-se justiça mesmo que pereça o mundo*, a autora nos mostra como a cultura da violência era constitutiva da vida das pessoas



[...] Para este mundo a violência era parte do viver, aceita muito naturalmente, um fenômeno cultural ao qual homens e mulheres recorriam como solução dos problemas, defesa de direitos, defesa da honra, uma maneira de afirmação de posição social. (DAHER, p.49)

Vale pontuar que os crimes passionais (termo problematizado no livro) costumavam ter o mesmo desfecho do julgamento de Sampaio, absolvido pelo Tribunal do Júri, visto que aquele tipo de atitude era socialmente aceita. “O júri apenas reflete a sociedade da qual faz parte, e para esse grupo, naquele tempo, a reação violenta do marido traído era aceitável e esperada, aplaudida, absolvida”. (DAHER, p.51)

Neste capítulo, a autora mobiliza um diálogo interessante entre vários biógrafos e críticos do pintor, apontando os principais estudos e trabalhos feitos sobre o artista e como estes autores abordaram (ou não) as circunstâncias de sua morte. Apresenta-se, assim, um retrato rico, diversificado e aprofundado das narrativas sobre a vida pessoal e profissional de Almeida Jr.,

problematizar os atos de violência a partir da vida, morte e obra de Almeida Jr. foi o caminho escolhido para entender as tensões e relações entre homens e mulheres do interior de São Paulo na última parte do séc. XIX. E essa violência, ao ser localizada no interior das relações, aparentemente amigáveis, desmente a visão de passividade que se tem do período, reforçada por uma visão da própria produção do artista, na qual se vê os retratos dos caipiras apenas como um reflexo de uma vida de

passividade e paz. [...] As imagens de Almeida Jr. não só falam de um passado de violência, mas apontam para um futuro violento inscrito em seu cotidiano, no qual os códigos sociais acabariam por influenciar sua vida e morte, sua produção e a releitura de suas telas na contemporaneidade. (DAHER, p.107)

Além disso, é neste capítulo que encontramos uma seleção de obras com análises sobre as pinturas do artista. A autora nos apresenta tanto as percepções dos críticos, quanto as opiniões do próprio Almeida Jr. acerca da sua produção.

No terceiro capítulo, *Ficção é falsidade aceita como verdade*, a autora retoma a discussão sobre honra, violência e relações de poder na construção da verdade jurídica, debruçando-se, assim, na análise do processo-crime e os discursos que sobrevivem nos autos. Desde os termos da denúncia, feita em desfavor de José de Almeida Sampaio, até a sua absolvição pelo Tribunal do Júri, temos uma análise detalhada da performance de todos os atores judiciais (delegado, promotor, juiz, advogado) envolvidos, além dos depoimentos das testemunhas e informantes.

Dá-se destaque ao que consta dos autos porque é o que se pode considerar como utilizado para formar a decisão do júri, mas, além disso, observações colhidas no decorrer da pesquisa apontam para outro caminho. Sampaio pode até ter se declarado surpreso com a presença de Almeida Jr. ao lado da esposa, mas não lhe era estranha de forma alguma a ideia da traição. (DAHER, p. 147)

Não é tarefa simples examinar fontes documentais que envolvem um fato criminoso como este, mas a autora consegue demonstrar as condições, tensões e contradições das práticas sociais e discursivas que envolveram a morte do pintor, a figura de Maria Laura e o julgamento de Sampaio. Além de pontuar como a imagem destas três personagens tiveram consequências distintas e atravessadas por valores sociais da época. Inclusive outra questão importante abordada, diz respeito ao papel das mulheres e a trajetória de Maria Laura, apontada como amante e pivô da morte do pintor, por mais que tenha sobrevivendo ao crime, permaneceu socialmente condenada.

Assim, ao problematizar os conflitos e a cultura da violência, temos acesso a dimensão da riqueza da obra de Almeida Jr, que continua sendo revisitada e re-encontrada por diferentes caminhos. Sem dúvida, o caminho escolhido pela autora não foi suficientemente contemplado nesta resenha, mas ao ler o livro o leitor poderá compreender as tensões e relações que homens e mulheres do interior de São Paulo do final do séc. XIX teciam.

Ao terminar a leitura, percebemos que a hipótese inicial da violência como traço cultural do séc. XIX realmente pode ser comprovada pela pesquisa. Por fim, vale ressaltar o

esforço e a maturidade acadêmica da autora ao selecionar fontes bibliográficas e documentais que mobilizam vários pontos de vista, permitindo ao leitor desfrutar de diferentes abordagens, críticas e opiniões acerca da produção artística de Almeida Jr., bem como construir uma percepção que vai além da vida e da morte do pintor, mas que problematiza a complexa relação entre Arte, História e Direito.

REFERÊNCIAS

DAHER, Anna Paula Teixeira. **A cultura da violência entre traços e tramas: a vida e obra do pintor Almeida Jr** [livro eletrônico]. São Paulo: Edições Verona, 2022.



RECEBIDO EM: 27/07/2022
PARECER DADO EM: 07/08/2022